

A autoridade como uma característica do ministério de Jesus.

Estudo exegetico de Mc 1, 22, 27

PROF. DR. LUÍS I. J. STADELMANN, S. J.

AUTHORITY AS A CHARACTERISTIC OF JESUS, MINISTRY. An exegetical study on Mk. 1, 22, 27

Jesus taught people with authority, and not the way the scribes did (MK. 1, 22). Mark tells us about the impression Jesus caused on the hearers: He doesn't talk about the content of this teaching, only about the way of teaching, different from that of the scribes. Authority, in greek — exousia — For the meaning of it we have to look at the immediate contexts.

R. Karpinski studied in detail the texts about the teaching of Jesus. He compares the synoptics looking for the differences therein. (Exousia à la base de l'enseignement de Jésus et de la mission apostolique selon Mathieu, Dissertation ad Lauream, Romae 1968, pp. 11-24).

He comes to the conclusion that the text authority in teaching in Mk. is more original and states better the pre-synoptic tradition. He states finally — L'autorité du Christ... c'est en même temps l'autorité avec laquelle Jésus enseignait et le pouvoir avec laquelle il faisait les miracles — op. cit. 24).

When the evangelist applies the word — exousia — to Jesus, he wants to show Him as a divine being presenting Himself as human, whose divine authority shines in His teaching and powerful deeds.

Na perícopé que trata do começo do ministério público de Jesus na Galiléia, o evangelista Marcos faz uma observação significativa, dizendo que Jesus “não os (i. é, o povo) ensinava como os escribas, mas como autoridade” (Mc 1, 22). No decorrer da narrativa o evangelista nos fala do impacto que o ensino de Jesus produzia nos ou-

vintes. Os que o ouviam falar ficavam perplexos com o novo modo de ensinar. S. Marcos não expõe o conteúdo deste ensino, falando antes da reação do povo que ouvia as suas palavras. Não reagiram procurando informação e submetendo para isto as afirmações de Jesus a um exame rigoroso. Na realidade, S. Marcos não nos diz o que

pria opinião sobre o ensino de Jesus. São perfeitamente convincentes os argumentos de K. Tagawa para provar a sua opinião, de que S. Marcos não quer descrever a atitude do povo mas sim apresentar a pessoa de Jesus. Assim a admiração de que fala S. Marcos não se refere ao povo mas sim ao ensino de Jesus, o seu (de Jesus) ensino era admirável (v. 22). Do mesmo modo *ethambéthesan ápan-tes* deverá ser traduzido, tudo que Jesus fez era admirável (v. 27) (7). Se *ápan-tes* é tomado no sentido de 'tudo', embora a forma masculina no grego denote 'todos os homens', caso em que seria errado traduzir a palavra por um sujeito impessoal, resta perguntar a que propriamente se refere. Refere-se ao povo que estava admirado, seja por causa do milagre seja por causa das palavras e do modo particular como Jesus ensinava? Mas dissemos acima que S. Marcos considerava o ensino de Jesus tão importante como a demonstração do poder divino pelos milagres que fazia. Como o povo não é mencionado nem no v. 22 nem no v. 27 o termo *ápan-tes* parece referir-se à atividade de Jesus como um todo (8).

O que chama a atenção na reação do povo, depois de ter testemunhado a demonstração do poder de Jesus exorcizando o possesso, é a sua resposta a este milagre. Dizem: "Que é isto? Uma doutrina nova!" S. Marcos usa esta expressão

"uma doutrina nova" tanto para a pregação do Evangelho por Jesus na sinagoga como para a sua atividade como taumaturgo.

Sendo que *didachè kai* se refere à dupla missão messiânica de Jesus e se acha especificado mais por *kat' exousían* (v. 27), enquanto que no v. 22 temos uma expressão paralela *ên didáskon...* os *exousían échon*, devemos perguntar por alguma significação específica que S. Marcos queria exprimir com *exousía*. Não há dúvida de que deve ter havido alguma coisa realmente notável no modo como Jesus pregava, além da serena segurança de si mesmo e da extrema simplicidade com que fazia os milagres. Mas também se deve notar que S. Marcos nunca descreve a atmosfera misteriosa e mágica que comumente rodeia um taumaturgo nem acentua este ou aquele aspecto de Jesus ou o resultado do milagre. A sua intenção principal quando conta um milagre é mostrar a pessoa de Jesus e o seu amor aos homens.

Que significação S. Marcos então liga a *éxousía* que é a característica distintiva da pregação e das curas de Jesus? V. Taylor procurou explicar a sua significação, estudando o ensino dos escribas que o evangelista põe em contraste com o de Jesus. De um lado estavam os escribas, que não tinham espontaneidade nas suas interpretações da Lei, enquanto do outro lado está Jesus que fala como os profetas antigos, com

(7) Cf. K. TAGAWA, *Miracles et Evangile, pensée personnelle de l'évangéliste Marc*. Paris 1966, pp. 88-91.

(8) Veja Tagawa, *ibidem*.

um conhecimento profundo da verdade e uma convicção extrema fundada na sua experiência pessoal da inspiração divina. Por isso esta espécie de autoridade manifestada por Jesus seria de caráter profético (9). Esta interpretação poderá parecer confirmada pela atitude do povo que fica admirado, de que até o espírito impuro sai do possesso à ordem de Jesus. Contudo S. Marcos está mais interessado em apresentar a Jesus como o Filho de Deus aos leitores do seu Evangelho (10), do que em ilustrar este ou aquele aspecto da sua personalidade, inclusive a qualidade profética que, segundo V. Taylor, Jesus mostrou nesta ocasião.

Se pode ser provado por outras passagens em que S. Marcos usa o termo *exousía* para caracterizar a pessoa de Jesus no exercício de uma prerrogativa divina particular, temos a possibilidade de determinar mais o sentido de *exousía*. Na continuação da seção que está ligada a Cafarnaum, começa um grupo de narrativas que tratam do conflito entre os fariseus e Jesus. No começo destas narrativas se acha o relato da cura do paralítico e o perdão dos pecados (2, 1-12). Observando mais de perto diversas partes da linguagem desta seção específica, se nota uma falta de harmonia que insinua haver compilação. Segundo R. Bultmann, os vs. 5b-10a, como um todo, são uma interpreta-

ção posterior, introduzida aqui, para apoiar uma afirmação dogmática da Igreja primitiva em relação ao seu poder de perdoar pecados (11). V. Taylor concorda basicamente com Bultmann quanto às duas fontes literárias nas quais se baseia esta narrativa. Mas como nós, não vê razão suficiente para aceitar a sugestão de Bultmann, de que esta passagem se originou de reflexões da comunidade cristã sobre o poder de perdoar pecados. Para Taylor são palavras autênticas de Jesus, já que no tempo da composição deste Evangelho ainda viviam algumas testemunhas oculares que podiam atestar a verdade deste acontecimento (12).

Contudo, se consideramos mais de perto a disposição particular de todas as seções precedentes, deixando de lado aquelas que formam a parte inicial — que poderia ser chamada o prólogo do Evangelho, em 1, 1-13 — a nossa atenção é despertada pela dependência única das idéias e dos acontecimentos unidos tanto com a revelação progressiva de si mesmo feita por Jesus, como com a manifestação do seu poder divino. As seções que começam com 1, 14 até 2, 12 contêm as histórias de milagres e narrativas a respeito de Jesus que se acham entremeadas com palavras de Jesus. A primeira vista parece que não há qualquer intenção específica na disposição

(9) *The Gospel According to St. Mark*, London (2) 1969, p. 173.

(10) Cf. P. Lamarche, *Le 'blasphème' de Jésus devant le Sanhédrin*, RScRl 50 (1962), pp. 74-85.

(11) Cf. *op. cit.*, pp. 191s. Veja também H. E. Tödt, *Der Menschensohn in der synoptischen Überlieferung*, Gütersloh 1959, pp. 117-121, 181s.

(12) Cf. *op. cit.*, pp. 191s.

destas seções. Antes parecem estar colocadas meramente umas ao lado das outras, já que a seqüência dos pensamentos não é imediatamente óbvia. Não obstante retendo duas das idéias centrais, a saber a revelação progressiva de si mesma da pessoa de Jesus e a manifestação do seu poder divino que parecem ter estado na mente do autor, quando escreveu o seu Evangelho, podemos descobrir uma corrente contínua de pensamento (13).

Na parte inicial (1, 14-15) Jesus aparece na cena como a pessoa na qual o conteúdo da revelação de Deus aparece em forma humana. A história da vocação dos primeiros discípulos (1, 16-20) revela o mistério oculto da presença de Deus. Jesus chama homens para unirem a sua vida à dele. Jamais eles têm a menor suspeita de que Jesus é o Filho do Homem. Na história do possesso na sinagoga (1, 21-28) o povo entrevê pela primeira vez a aura sobrenatural da sua pessoa. Da boca do possesso caem as palavras: "Sei quem tu és: o Santo de Deus." As narrativas das curas à noite (1, 32-34) mencionam o conhecimento que os espíritos maus têm de Jesus. Depois, na história da cura do leproso (1, 40-45), temos uma nova alusão à aura sobrenatural de Jesus, quando o leproso, 'ajoelhando-se' gonupetôn, diz a Jesus: "se queres, podes..." Aos olhos de Marcos o poder

de Jesus nunca pode ser posto em dúvida, pois sempre está agindo, bastando que ele o queira. Como se o evangelista aos poucos tivesse construído tudo até este ponto, coloca aqui a história do paralítico e a questão da autoridade de Jesus para perdoar pecados (2, 1-12). Nesta narração S. Marcos põe uma afirmação doutrinal na boca de Jesus, o que significa que ela não é uma palavra original de Jesus. Citamos: "Para que saibais, que o Filho do Homem tem poder na terra para perdoar pecados..." Com esta afirmação, S. Marcos quer dizer que o Filho do Homem possui uma autoridade que é de natureza especial. Ele não partilha esta autoridade com outros homens. A sua autoridade para perdoar pecados é uma prerrogativa divina que ele exerce aqui na terra (14).

Depois de termos visto as passagens que tratam da revelação progressiva de si mesmo realizada por Jesus, precisamos considerar brevemente como S. Marcos mostrou a manifestação do poder divino de Jesus. É importante notar que o Evangelista quis referir aquelas situações e acontecimentos do ministério de Jesus que melhor ilustram o seu poder por meio da palavra falada. As palavras que Jesus dirigiu às diversas pessoas tiveram tal efeito nelas que transformaram pescadores em discípulos (1, 16-20), um possesso numa pessoa asseada

(13) Outras tentativas para achar um critério para a disposição das diversas seções do Evangelho de S. Marcos veja em Feine-Behm-Kümmel, Ein-

leitung in das Neue Testament, Heidelberg (14) 1964, pp. 46-53.
(14) Veja também os comentários de M. D. Hooker, *The Son of Man in Mark*, London 1967, pp. 81-93.

(1, 23-26), uma audiência curiosa em ouvintes admirados (1, 21-22, 27-28), doentes em pessoas de saúde (1, 29-34, 40, 2-12). No último relato desta seção (2, 1-12) as palavras poderosas de Jesus chegaram ao auge, fazendo de um homem pecador um justificado. O que só Deus no céu podia fazer é realizado agora aqui na terra pelo Filho do Homem (15). Mas os escribas se opõem violentamente a tal declaração inaudita. Eles acham que Jesus se torna culpado de blasfêmia, exercendo uma autoridade que pertence só a Deus. Note-se que o modo como S. Marcos formula a controvérsia entre os escribas e Jesus manifesta um outro ponto que não deve ficar fora de consideração. Antes de tudo eles reconhecem que Jesus não fala palavras vazias e segundo, que este ato de cura é uma prova de que o Filho do Homem tem a autoridade de perdoar pecados (16).

As implicações destas considerações são muito importantes para o nosso fim de determinar o sentido de Exousía (17). A prerrogativa divina que Jesus exerce, perdoando pecados, em si mesma não é uma prova de que ele é o Messias. É antes uma demonstração da autoridade do Filho do Homem. Isto não significa, embora S. Marcos use pouco o título de Messias, que ele seja igualmen-

te reservado quanto à revelação da divindade de Jesus. Pelo contrário, através de todo o seu Evangelho mostra a manifestação progressiva da divindade de Jesus (18). Quer Jesus seja chamado Filho do Homem (2, 10), o Santo de Deus (1,24), meu único Filho (1, 11) ou Cristo, o Filho de Deus (1, 1), etc. — para mencionar apenas estes títulos que ocorrem nos primeiros dois capítulos do Evangelho de S. Marcos — chega-se a saber mais da pessoa de Jesus das narrativas individuais, dos seus títulos e de disposição das diversas seções do Evangelho do que da análise destes títulos só por si.

Tomando em conta o interesse particular de S. Marcos de apresentar a Jesus manifestando gradualmente a sua divindade, como, por exemplo, na seção 2, 1-12 que acabamos de estudar e a sua intenção de caracterizar o ministério de Jesus pela autoridade que ele exerce, passamos a considerar a significação de exousía. Uma pergunta deve ser incluída no nosso estudo: A autoridade que Jesus reclamava para si, perdoando pecados, é idêntica com aquela que usava no seu ensino?

No seu estudo do Filho do Homem na tradição sinótica Tödt atendeu especialmente à significação e à função de exousía que ele considera como o elo

(15) Cf. A. Feuillet, "L'exousia de Fils de l'Homme", *RScRl* 42 (1954), pp. 161-192.

(16) Trata-se aqui não de uma mera identificação do Filho do Homem cujo poder de perdoar pecados Jesus afirma ter, mas da questão de saber se S. Marcos apresenta a Jesus com atributos divinos.

(17) Alguns autores se limitam a consideração meramente léxica an análise de exousía, não vendo absolutamente o problema teológico envolvido. P. ex. H. J. Flowers, os exousian échon, *ExpT* 66 (1954-1955), p. 254. D. F. Hudson os exousian échon *ExpT* 67 (1955-1956), p. 17.

(18) Cf. P. Lamarche, *op. cit.*, pp. 81s.

entre as palavras que tratam da natureza escatológica do Filho do Homem e a atividade terrena de Jesus (19). Além disso ele observa que os atributos transcendentais que são próprios do Filho do Homem celeste absolutamente não são transferidos a Jesus na terra (20). A autoridade que o Filho do Homem exerceu quando perdoou pecados (2, 10), por isso não seria sobrenatural, conforme Tödt, mas simplesmente uma autoridade correspondente à situação particular em que Jesus se encontrava e que foi rejeitada pelos escribas.

Se esta interpretação é correta, Jesus se atribuía e de fato exerceu uma prerrogativa divina que de fato não possuía. De outro lado, podia ele ter agido em antecipação da realidade que seria sua quando a exaltação do Filho terá lugar (14, 62)? Sem responder diretamente a esta questão, que de outro modo nos levaria ao debate do problema do Filho, em vez disto apresentamos a nossa interpretação. Primeiro contra a sugestão de Tödt de que os atributos transcendentais absolutamente não são transferidos para Jesus na terra, mencionamos o tema da revelação progressiva da sua divindade por Jesus que observamos acima. Segundo o tema do Filho do Homem não é a única idéia que S. Marcos tomou do fundo do Antigo Testamento e aplicou a Jesus (21). Se pudermos mos-

trar que também o termo exousía era usado para designar uma característica divina nalgumas passagens do Antigo Testamento, que S. Marcos aplica a Jesus, teremos mais um argumento contra a sugestão de Tödt.

No seu estudo de exousía W. Foerster conclui que o uso de exousía do Antigo Testamento é muito próxima daquele dos LXX (22). De todas as passagens do Antigo Testamento em que ocorre o termo exousía escolhemos três que têm importância para o nosso assunto. Uma é uma passagem importante da Sabedoria de Salomão, onde exousía significa poder divino.

16, 12 *kai gâr oúte botanè oúte málagma etherápeusen autoús, allà o sòs, kúrie, lógos o panta iómenos.*
 13 *sù gâr Zões kai thanátou exousían écheis.*

Porque nem erva ou cataplasma os curou,
 Mas foi a vossa palavra,
 Senhor, que cura todas as coisas.
 Porque vós tendes poder sobre a vida e a morte.

Estes versículos se referem à história contada em Números 21, 5ss. O incidente da praga das serpentes que afligiu os israelitas na sua peregrinação pelo deserto e a sua cura milagrosa serve como base para a

(19) Cf. op. cit., pp. 105-130.

(20) *Ibid.*, p. 130.

(21) Quanto ao fundo veterotestamentário no Evangelho de S. Marcos veja H. B. Swete, *The Gospel According to St.*

Mark, London (2) 1908, pp. LXXVI-LXXX; e M.-J. Lagrange, op. cit.

(22) *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, ed. G. Kittel, Stuttgart 1935 II, pp. 559-572.

reflexão teológica do autor. O que restituiu a saúde aos israelitas não era nenhum processo natural ou intervenção humana. A cura devia ser atribuída a uma causa divina. No v. 7b e 8b fala diretamente de Deus como a fonte de auxílio sem o uso de uma linguagem figurativa. Mas no v. 10 é a bondade de Deus e no v. 12 a palavra de Deus pelo intermédio da qual faz chegar o seu auxílio aos homens. Por isso a palavra de Deus é equivalente à sua vontade salvífica (cf. vs. 26; 18, 15 e Salmo 107, 20). Daí segue ao que parece que o v. 12 serve como premissa da qual o autor, no v. 13, quer tirar a conclusão de que a onipotência de Deus transcende os limites dentro dos quais está confinada a existência humana.

Esta passagem é de interesse especial para nós porque associa o atributo da onipotência de Deus com a sua palavra pelo meio da qual auxilia os aflitos. Na passagem de S. Marcos (1, 22, 27) encontramos a mesma palavra divina a qual pela pessoa de Jesus está agindo sobre o povo de Cafarnaum. A palavra de Jesus é poderosa em curar, levando assim o povo tomado de admiração a refletir sobre o poder divino de Jesus.

A segunda passagem a ser considerada é do Eclesiástico: 10, 4 en cheirì kuríou e exousía tēs gēs kai tòn chrésimon egerēi eis kairòn ep'autēs.

5 en cheirì kuríou euó-

dia andrós, kai prosópo grammatéos epithései dóxan autoũ.

O governo da terra está nas mãos do Senhor e sobre ela levantarei o homem acertado a seu tempo.

O sucesso de um homem está na mão do Senhor, e ele confere a sua honra à pessoa do escriba (23).

Num dos fragmentos conservados do Eclesiástico hebraico, encontrados na Geniza de Cairo, estão ambos estes versos. Note-se a inversão da ordem dos versículos no texto hebraico: o versículo 5 da versão grega precede ao versículo 4. Quanto ao texto, mesmo R. Smend propõe que mmslt no versículo 5 seja emendado para mslht, tendo por base euódia no grego (24).

5 Na mão de Deus está o domínio sobre todos os homens e perante um legislador ele põe a sua soberania (= autoridade).

4 Na mão de Deus está o domínio sobre o mundo, e (enquanto) um homem (só) por algum tempo está à frente dele (= governa).

Comparando a tradução inglesa das passagens dos textos grego e hebraico, nota-se imediatamente não só a fidelidade para com a fonte que se pode observar na reprodução litera-

(23) Tradução inglesa tomada da Revised Standard Version.

(24) Die Weisheit des Jesus Sirach, He-

bräisch und Deutsch. Berlin 1906, p. 10. Esta correção não é adotada por M. Z. Segal, Seper ben-Sirá, has-salem, Jerusalém (2) 1958.

lística do original hebraico, mas também certas variações quanto ao original (25) com a substituição e omissão de termos. Devido à versão inadequada de expressões idiomáticas, a não-atenção à acentuação periódica e o equilíbrio de orações componentes no hebraico, resulta a falta de ritmo no grego.

Atendendo agora só à versão grega, notamos o uso de *exousía* no sentido de governo. Enquanto Deus intervém no destino do homem e da sociedade como um todo, exerce o seu poder moral por meio desta intervenção. A autoridade que tem o homem e a sociedade é um poder, *exousia*, delegado, concedido por Deus.

O ponto importante desta passagem para o nosso fim é o uso de *exousía* nos LXX com o sentido de autoridade, poder moral que o homem e a sociedade exercem na sua função como agentes de Deus. Talvez seja interessante salientar alguns termos significantes que ocorrem nestes versículos, sendo de importância especial para S. Marcos no capítulo inicial do seu Evangelho. O que em Ecl. 10, 4b é proclamado como acontecimento futuro agora está iminente e de fato já está presente (Mc 1, 15). A autoridade que os escribas com direito tinham sobre os homens (cf. Ecl. 10, 5b) até o tempo da vinda de Jesus, não lhes será concedida mais (Mc 1, 22). O

ponto de que se trata realmente no pensamento do evangelista não é tanto a diferença entre o ensinamento dos escribas e aquele de Jesus como a autoridade que Jesus tinha para respaldar o seu modo de ensinar. A frase participial *ên didáskon* exprime uma atividade continuada de ensinar, uma profissão que também os escribas exerciam. Mas de fato esta frase diz mais por causa da oração subordinada unida a ela. A partícula *os* que introduz a oração subordinada, acrescenta um significado comparativo à oração participial: "Ele ensinava como alguém que tem autoridade." Além disso o modo de ensinar de Jesus era diferente daquele dos escribas: *ouch os oi grammatêis*. A diferença consistia principalmente na autoridade que ele tinha. O seu ensino é *didaché kainè kat'exousían*, "uma doutrina nova com autoridade" ou "uma doutrina nova (baseada) em autoridade." Os escribas não podem mais apelar para uma autoridade conferida por Deus, como, por exemplo, para o texto em Ecl. 10, 5b para defender o seu direito de exercer liderança espiritual sobre o povo. A sua autoridade já se está desvanecendo até que seja tirada deles (Mc 3, 22-30) para ser transferida aos discípulos de Jesus (Mc 6, 7-13). Na ocasião do ensino de Jesus na sinagoga de Cafarnaum, tornou-se evidente

(25) Nos LXX há numerosos exemplos onde a versão grega difere do texto dos Massoretas. Estas diferenças podem ser explicadas pelo fato de que o texto grego se baseia de um tipo ou tipos de texto hebraico diferente daquele dos Massoretas ou que o tra-

duzido se enganou na leitura do texto, introduzindo por isso outras palavras, mudando assim a sua significação original ou que o tradutor, esforçando-se por interpretar o texto, o reproduziu com um sentido que quadra no seu contexto.

que os escribas estavam perdendo a sua autoridade. Refletindo sobre este fato, o evangelista observa que Jesus não ensinava como o costumavam fazer os escribas. Menciona também a reação do povo a esta nova espécie de ensino: *exopléssonto epì te didachê* "O seu ensino lhes causava admiração" (26).

O terceiro texto a ser analisado também é do Eclesiástico:

45, 17 *édoken autòn en entolaïis autoũ exousían en diathékais krismáton didáxai tòn Iakób tà marturía kai en nómo autoũ fotísai Israël* (cf. LXX).

Nos seus mandamentos lhe deu autoridade em estatutos (alianças) e juízos, para ensinar a Jacó os testemunhos e iluminar Israel com a sua lei (27).

O texto original hebraico é o seguinte:

E ele lhe deu os seus mandamentos e fê-lo ter domínio sobre estatutos e juízos

Para ensinar os estatutos ao seu povo e os juízos aos filhos de Israel.

Este texto menciona o dever de instruir o povo de Israel, que Deus impôs a Aarão. Esta função era exercida pelos escri-

bas no tempo de Jesus. As funções sacerdotais como presidir quando se ofereciam sacrifícios e nas práticas do culto no templo eram executadas pelos sacerdotes. Jesus reconhece a sua autoridade em assuntos jurídicos (Mc 1, 44) e práticas do culto (Mc 2, 26).

Estudando a passagem anterior do Eclesiástico 10, 4-5, chamamos a atenção para o uso de *exousía* naquele contexto e para a sua significação para a nossa análise. Aquela passagem trata da autoridade de Deus e do fato de que ele a delega aos homens para que a exerçam em seu lugar. Na passagem presente se tem a mesma idéia de autoridade delegada que Deus conferiu aos sacerdotes de Israel. Certamente não é sem intenção que S. Marcos menciona a função específica dos sacerdotes na história da cura do leproso (Mc 1, 40-45) no capítulo inicial do seu Evangelho. Ao leproso curado Jesus dá a ordem expressa de cumprir o mandamento que Deus confiou a Aarão. Enquanto Jesus reconhece a autoridade dos sacerdotes nega aquela dos escribas.

Concluindo o estudo sobre a significação de *exousía* em Mc 1, 22, 27, tentaremos sintetizar as idéias principais que todas contribuem, como esperamos para uma compreensão melhor dos termos que estudamos. Para começar com a análise das frases que exprimem a admiração do povo em face do ensino e das curas de Jesus, obser-

(26) Lembramos aqui as observações feitas acima quanto ao sujeito impessoal do verbo. K. Tagawa sugere que o sub-

stantivo *didachê* é o sujeito verdadeiro de toda a frase. Cf. *ibid.*

(27) Como traduz a RSV.

vamos que S. Marcos quer chamar a atenção dos leitores mais para a pessoa de Jesus do que para a natureza do milagre. Já no capítulo inicial do Evangelho de S. Marcos se nota a disposição habilidosa das unidades literárias que manifestam uma revelação progressiva de si mesma da pessoa de Jesus e do seu poder divino.

Quando o leitor se encontra perante a afirmação do clímax: "Quem pode perdoar pecados senão Deus tão-somente?" (2, 7), não se sente tomado de surpresa porque Jesus afirma ter tal poder, pois o evangelista esteve encaminhando tudo para isto e preparando o leitor para compreender algumas implicações da autoridade divina de Jesus. S. Marcos mostra-nos como Jesus manifesta a sua autoridade, ensinando e curando o povo. Trouxemos três passagens do Antigo Testamento que mostram o poder de Deus no mundo. A palavra divina pode curar o corpo e alma sem a ajuda de causas segundas. A passagem do Eclesiástico esclarece a intenção de S. Marcos ao colocar a frase *didachè kairè kat'exousían* depois da cura miraculosa do possesso. Além de intervir diretamente na vida dos homens Deus também de-

lega a sua autoridade como no caso dos sacerdotes que estão encarregados de assuntos de culto e de direito.

Quanto aos escribas a sua autoridade se está desvanecendo até que seja transferida aos discípulos de Jesus depois de os escribas finalmente a terem deitado a perder. Indicamos algumas implicações da autoridade de Jesus que se manifestaram no seu ministério. Referimos a *exousía* em S. Marcos 1, 22, 27, textos do Antigo Testamento que podiam parecer esclarecer este atributo de Deus exercido em relação aos homens. Além disso a disposição deliberada e cuidadosa do material por S. Marcos no capítulo inicial do seu evangelho é uma indicação expressiva da sua intenção de apresentar a Jesus como uma pessoa divina. O evangelista parece estar empenhado não só em dar algumas indicações da divindade de Jesus mas também em ocultar a sua identidade real para impedir o perigo de ser concebido erroneamente o seu papel messiânico. Mas quando aplica a Jesus o termo *exousía* quer mostrá-lo como um ente divino que aparece em forma humana, cuja autoridade divina se manifesta no seu ensino e nas suas obras poderosas.